

## BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS INDÍGENAS DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA SANTA CRUZ

Adayame Leocádio de Oliveira<sup>1</sup>  
Odimar Lorenset<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo aborda as brincadeiras e interações das crianças indígenas no contexto escolar. O objetivo geral é investigar as brincadeiras e as interações das crianças indígenas matriculadas na pré-escola. Os objetivos específicos incluem situar as brincadeiras e as interações no currículo prescrito para as crianças no contexto da educação escolar indígena, além de identificar e analisar o papel dessas práticas no desenvolvimento integral das crianças da pré-escola da Escola Municipal Indígena Santa Cruz. Como metodologia, utilizou-se uma abordagem qualitativa, empregando as técnicas de observação participante. Os resultados apontam que o brincar a interação das crianças indígenas reflete vivências, experiências e compreensões ligadas à sua cultura, evidenciando as perspectivas da comunidade e dos docentes da Educação Infantil sobre o uso das brincadeiras e interações e os benefícios que elas proporcionam ao desenvolvimento das crianças no contexto cultural de sua comunidade.

**Palavras-chave:** Brincadeiras; Interações; Crianças indígenas.

### 1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é um período essencial para o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade. Nesse contexto, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), essa etapa tem como objetivo assegurar o desenvolvimento integral das crianças nas dimensões

<sup>1</sup> Especialista em Formação para a Educação Infantil (2024) pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA; Licenciada em Pedagogia (2022) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). E-mail: adayameleo2019@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação (2011) pela Universidade do Estado de Santa Catarina; especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais (2007) pela Faculdade Dom Bosco (Dom Bosco); e Licenciado em Pedagogia – habilitação em Séries Iniciais, Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Educação Infantil (2008; 2008; 2009; 2020, respectivamente), pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: olorenset@uea.edu.br



física, intelectual, social e psicológica, complementando a ação da família e da comunidade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), a Educação Infantil deve reconhecer as singularidades, identidades e culturas das crianças, garantindo seus direitos fundamentais e de aprendizagem. Isso inclui assegurar ambientes educativos que respeitem e promovam a liberdade, a brincadeira e a interação social como formas de expressão e aprendizado. Tais práticas envolvem a escuta ativa das crianças, reconhecendo suas vozes e experiências de vida como componentes essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a Educação Infantil deve ser um espaço onde os direitos das crianças sejam respeitados, permitindo que se desenvolvam plenamente como sujeitos de direitos e em sintonia com suas culturas e contextos sociais.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010, p. 12), compreende-se por criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Conforme apontam as DCNEI, a BNCC e, seguindo essa perspectiva, o Referencial Curricular Amazonense (RCA), a valorização das práticas lúdicas nos contextos indígenas não apenas favorece o desenvolvimento integral das crianças, mas também assegura a preservação e fortalecimento das culturas tradicionais. Nesse sentido, a brincadeira transcende a simples atividade cotidiana, tornando-se um direito fundamental e uma estratégia pedagógica essencial, que visa garantir uma educação que respeite a diversidade cultural e promova a equidade. Ao integrar essas práticas no contexto escolar, amplia-se as possibilidades de aprendizagem significativa para crianças de 4 a 5 anos na Escola Indígena Santa Cruz, contribuindo para a construção de um ambiente educacional inclusivo, onde as experiências culturais e sociais são reconhecidas e valorizadas.

Segundo as DCNEI (2010), é fundamental respeitar a autonomia dos povos indígenas na definição das formas de educação para suas crianças de 0 a 5 anos. As propostas pedagógicas destinadas às comunidades que optarem por aderir à Educação Infantil devem:

2





Proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo; Reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças; Dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas socioculturais de educação e cuidado coletivos da comunidade; Adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena (BRASIL, 2010, p. 23).

Sob essa perspectiva, o presente artigo propõe-se a realizar uma análise sobre a importância da brincadeira e da interação na Educação Infantil em uma turma de pré-escola da Escola Indígena Santa Cruz, da etnia Kokama. O objetivo central é refletir sobre como as brincadeiras e interações são garantidas e como essas práticas lúdicas, intrínsecas à cultura, desempenham um papel fundamental no processo educativo das crianças indígenas, respeitando e valorizando sua identidade cultural e promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento. Os objetivos específicos incluem situar as brincadeiras e as interações no currículo prescrito para as crianças no contexto da educação escolar indígena, além de identificar e analisar o papel dessas práticas no desenvolvimento integral das crianças da pré-escola da Escola Municipal Indígena Santa Cruz. A análise visa destacar a importância da integração dessas práticas lúdicas e interativas no cotidiano escolar, assegurando que as crianças indígenas tenham seus direitos garantidos.

A presente pesquisa surge de uma inquietação em compreender quais e como as brincadeiras e interações são vividas e experienciadas pelas crianças na Escola Indígena Santa Cruz. Do que brincam? Como brincam? Como interagem? Quais são seus interesses? Como ocupam seus tempos? De que forma os professores da Educação Infantil utilizam as brincadeiras como ferramentas na rotina pedagógica?

Adotando uma abordagem qualitativa-descritiva (LÜDKE; ANDRÉ, 2013), esta pesquisa utiliza a etnografia (MARCHI, 2018) como procedimento metodológico, com o objetivo de compreender as práticas culturais e sociais da criança indígena. A etnografia, nesse sentido, permite uma imersão no universo das crianças, possibilitando a observação das suas interações, brincadeiras e formas de socialização dentro de um contexto cultural específico. Ao focar na antropologia da criança indígena, este estudo busca não apenas entender o comportamento das crianças, mas também investigar como suas práticas e



representações culturais, como as brincadeiras e rituais, contribuem para o desenvolvimento de sua identidade, socialização e compreensão do mundo.

A pesquisa enfatiza a importância da vivência e da experiência direta no campo, privilegiando a interação com os sujeitos da pesquisa e a observação participante. Essa metodologia permite que o pesquisador se aproxime da realidade das crianças indígenas, compreendendo não apenas as suas práticas, mas também os significados culturais que essas ações carregam, como a transmissão de saberes ancestrais e a perpetuação de valores comunitários. Através da etnografia, é possível compreender as sutilezas das práticas cotidianas, revelando como as crianças se relacionam com seu ambiente, com os outros membros da comunidade e como suas brincadeiras e interações se entrelaçam com as vivências e experiências de socialização e aprendizagem cultural, fundamentais para o fortalecimento da identidade indígena e a continuidade da tradição.

## 2. INTERAÇÃO E BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A brincadeira e a interação social são componentes fundamentais do desenvolvimento infantil. Vigotski (2007) acredita que a brincadeira não é apenas uma atividade recreativa, mas um meio fundamental para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Através das brincadeiras, as crianças não apenas exercitam sua criatividade, mas também simulam e experimentam novas situações, o que as ajuda a compreender o mundo ao seu redor. A brincadeira permite que elas explorem papéis sociais, normas e comportamentos, desenvolvendo habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Vigotski destaca que, durante o brincar, as crianças internalizam valores culturais e sociais, mediadas pela interação com outras pessoas, seja com adultos ou com seus pares.

A interação social, por sua vez, desempenha, segundo Vigotski (2007), um papel fundamental no processo de aprendizagem. Nessa direção, o autor defende que o conhecimento não é adquirido isoladamente, mas sim em um contexto social, onde as crianças aprendem através da troca, comunicação e colaboração com os outros. A brincadeira, portanto, se configura como um espaço privilegiado de interação social, onde as crianças, por meio da



mediação de adultos ou de colegas mais experientes, são desafiadas a realizar tarefas e resolver problemas que estão além de sua capacidade individual. Esse processo ocorre dentro da *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP), onde a criança, com o apoio social, consegue avançar em seu aprendizado, internalizando novas competências. Assim, tanto a brincadeira quanto a interação social são fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois permitem que ela construa conhecimento de forma ativa e colaborativa, contextualizada no seu ambiente social e cultural.

Segundo Vigotski (2007), na idade pré-escolar, a brincadeira é vetorial no desenvolvimento da criança, sendo considerada sua atividade principal. Por meio do faz-de-conta, as crianças recriam e interpretam situações do mundo real, desenvolvendo-se nas diferentes dimensões. Nesse contexto, a brincadeira não é apenas uma atividade lúdica, mas um meio pelo qual a criança explora regras sociais, amplia sua imaginação e internaliza conceitos que contribuem para o avanço de suas funções psicológicas superiores, como a atenção, a memória e o pensamento. É nesse espaço simbólico da brincadeira que a criança começa a transitar entre o mundo concreto e o abstrato, construindo significados e aprendendo a lidar com as complexidades da vida em sociedade.

O pesquisador francês Henri Wallon também reconhece a importância da brincadeira e da interação social no desenvolvimento infantil, mas com um enfoque mais voltado para as dimensões afetivas e emocionais. Para Wallon, a brincadeira não é apenas uma atividade cognitiva, mas um meio de expressão das emoções e afetos da criança, sendo essencial para o desenvolvimento da personalidade e da interação com o mundo social. O autor acredita que, por meio da brincadeira, a criança experimenta e organiza suas emoções, criando uma forma de autorregulação afetiva. As brincadeiras, nesse sentido, permitem que a criança vivencie diferentes estados emocionais, o que a ajuda a compreender e a lidar com suas próprias emoções, além de facilitar a construção de vínculos afetivos com os outros.

O autor também destaca que a interação social é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois é através do contato com os outros que ela constrói sua identidade e adquire a capacidade de compreender as normas sociais. A relação com os outros, seja com adultos



ou com pares, é vista por Wallon como um processo dinâmico, em que as emoções, o comportamento e as capacidades cognitivas da criança estão interligados. A interação social ajuda a criança a reconhecer e entender as emoções alheias, promovendo a empatia e a cooperação. Dessa forma, para Wallon, tanto a brincadeira quanto a interação social são essenciais para o desenvolvimento global da criança, pois contribuem para o equilíbrio entre as suas emoções, sua cognição e sua adaptação ao meio social.

As DCNEI e a BNCC destacam a importância das interações e brincadeiras como eixos estruturantes das práticas pedagógicas para crianças de 0 a 5 anos. Esses documentos reforçam que brincar é um direito da criança e um eixo estruturante do currículo da Educação Infantil, pois permite que as crianças explorem o mundo ao seu redor, experimentem diferentes papéis sociais e desenvolvam-se integralmente. No caso das crianças indígenas, essas diretrizes oferecem um caminho para que as práticas pedagógicas respeitem e integrem os saberes tradicionais ao currículo, promovendo um aprendizado que valorize as identidades culturais e os modos de vida comunitários (BRASIL, 2009). Assim, as brincadeiras tradicionais podem ser reconhecidas como práticas pedagógicas que conectam o universo escolar ao contexto sociocultural das crianças.

O RCA (2019), alinhado às DCNEI e à BNCC, enfatiza a brincadeira e a interação como aspectos centrais para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças. O documento reconhece que a Educação Infantil no contexto amazônico deve considerar a diversidade sociocultural, ecológica e histórica da região, valorizando os saberes tradicionais e as práticas culturais das comunidades locais. Nesse sentido, as brincadeiras e as interações são vistas como ferramentas pedagógicas fundamentais para mediar a relação entre o universo escolar e as vivências culturais das crianças, promovendo a construção de conhecimentos de forma lúdica e significativa. Conforme o RCA:

A criança aprende nas interações e brincadeiras a partir de seus sentidos. Em tais atividades, a sensibilidade humana é desenvolvida por meio das experiências de fruição partilhadas pelas vivências com a cultura, que alimenta a imaginação e, por sua vez, constitui a base do ato criador (AMAZONAS, 2019, p. 34-35).



O RCA também destaca que a brincadeira, especialmente no contexto amazônico, é uma oportunidade para que as crianças explorem e vivenciem as características de seu território, utilizando materiais naturais, espaços comunitários e elementos do meio ambiente em suas práticas. As interações, por sua vez, são entendidas como formas de construir vínculos afetivos, desenvolver habilidades sociais e fortalecer a identidade cultural. O documento incentiva que educadores planejem práticas pedagógicas que integrem as brincadeiras tradicionais e as atividades culturais locais ao currículo, promovendo uma aprendizagem contextualizada que respeite as singularidades dos povos indígenas e ribeirinhos do Amazonas. Dessa forma, a brincadeira e a interação tornam-se elementos chave para fomentar a criatividade, a autonomia e o pertencimento cultural das crianças.

Silva, Nunes e Macedo (2002) destacam a importância das brincadeiras nas culturas indígenas como um meio de transmissão de conhecimento, valores e tradições, as brincadeiras, além de ser uma forma de lazer, servem como ferramenta educativa, mas também auxiliam as crianças a entenderem seu papel na coletividade, a desenvolverem suas habilidades e praticar as normas culturais, destaca ainda que as brincadeiras indígenas refletem a cosmovisão de seus povos. Muitas vezes elas integram elementos de mitologia, relações interpessoais e situações no cotidiano, oferecendo um espaço seguro para a experimentação social, é dentro dessas atividades que se destaca os valores como cooperação, a solidariedade e o respeito à natureza. A autora destaca ainda a importância de se observar essas brincadeiras como um espaço onde as crianças reconfiguram suas identidades culturais.

As intervenções pedagógicas em contexto educativo devem ser visíveis as identidades culturais das crianças indígenas. Assim, na visão da autora, a se propõe uma reflexão sobre como os educadores podem integrar as brincadeiras tradicionais nas práticas pedagógicas, promovendo um ambiente de aprendizado que respeite e valorize a cultura das crianças e contribuir para a construção de um conhecimento mais plural.

Nessa direção, Tassinari (2015) colabora para pensar as crianças como **agentes ativos** na produção e reprodução cultural. Ao participar das atividades vividas no cotidiano familiar, como agricultura, pesca e artesanato, as crianças não apenas aprendem habilidades



práticas, mas também assimilam e recriam os saberes e valores tradicionais de suas comunidades. Nesse processo, elas moldam seus corpos e mentes em sintonia com os ritmos e técnicas culturais, contribuindo para a continuidade e transformação da cultura local. A autora enfatiza que, nessas comunidades, o brincar e o trabalhar não se separam, mas se complementam, integrando as crianças de maneira dinâmica e criativa ao ambiente sociocultural em que vivem. Assim, as crianças não são apenas receptoras de conhecimento, mas também participantes ativas na construção e renovação de suas identidades culturais.

Clarice Cohn (2013) ao refletir sobre as diferentes concepções de infância no contexto brasileiro, enfatizando como a antropologia tem contribuído para entender a criança em sua complexidade social e cultural, explora como as práticas culturais, as relações intergeracionais e os contextos familiares e comunitários moldam as experiências infantis, destacando a importância da brincadeira como um dos principais espaços de socialização e aprendizado. A brincadeira, dentro dessas concepções, é vista não apenas como uma prática lúdica, mas como uma ação que reflete e transmite valores culturais, permitindo às crianças não só a expressão de sua criatividade, mas também a aprendizagem de normas sociais, papéis e relações de poder.

A análise de Cohn revela que, para as crianças, a brincadeira é um dos principais meios de construção da identidade e da interação com o mundo. Nesse contexto, a brincadeira é um dos principais veículos através dos quais as crianças participam ativamente na produção e reprodução de suas culturas, sendo ao mesmo tempo uma forma de aprender e de agir sobre o mundo.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base na abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013), com enfoque etnográfico (MARCHI, 2018), buscou-se compreender a dinâmica das brincadeiras e interações sociais entre crianças indígenas em seu contexto escolar e cultural. A pesquisa adotou uma metodologia exploratória e descritiva (SEVERINO, 2016), com o objetivo de investigar e



descrever as práticas lúdicas e a interação social das crianças da Escola Municipal Indígena Santa Cruz.

O estudo foi realizado na comunidade Nova Esperança - Barreira da Missão de Baixo, município de Tefé, localizado no interior do estado do Amazonas, a aproximadamente 523 quilômetros da capital, Manaus. O município conta com uma área total de 23.704,426 km<sup>2</sup> (IBGE, 2022). A escola pesquisada está situada na estrada da Emade, km 23, e atende cerca de 180 estudantes, da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, diurnamente. A maior parte dos estudantes reside na própria comunidade.

O foco da pesquisa foi voltado para crianças de 4 e 5 anos da pré-escola, no turno matutino. A seleção dos participantes foi intencional, buscando representatividade em termos de diversidade cultural e faixa etária. Observou-se que, na comunidade e seus arredores, as crianças frequentemente brincam juntas, o que motivou a escolha do tema.

A coleta de dados foi conduzida por meio de observação participante, permitindo uma imersão no ambiente natural das crianças. As brincadeiras e interações foram registradas de forma sistemática e descritiva. Além disso, conversas coletivas foram realizadas com as crianças e suas professoras, buscando compreender o significado atribuído às brincadeiras e seus impactos na socialização e no aprendizado.

Os registros incluíram descrições de jogos, brinquedos, cantos e danças tradicionais, evidenciando a cultura lúdica da comunidade indígena. Dados sobre os tipos de brincadeiras, suas regras, interações sociais, linguagens utilizadas e materiais empregados foram analisados a partir de conteúdo registrado em observações, entrevistas e materiais coletados. Essa análise buscou identificar padrões, temas recorrentes e os significados culturais associados às brincadeiras.

Além disso, a pesquisa explorou a prática docente na Educação Infantil, investigando o posicionamento dos professores em relação às brincadeiras e às interações. Procurou-se compreender como essas práticas contribuem para a ampliação dos conhecimentos das crianças e para as discussões e trocas futuras sobre o brincar no contexto da etnia Kokama. Os



resultados visam subsidiar reflexões e práticas pedagógicas mais contextualizadas e sensíveis às especificidades culturais da Educação Infantil indígena.

#### **4. BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES NO CONTEXTO DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA**

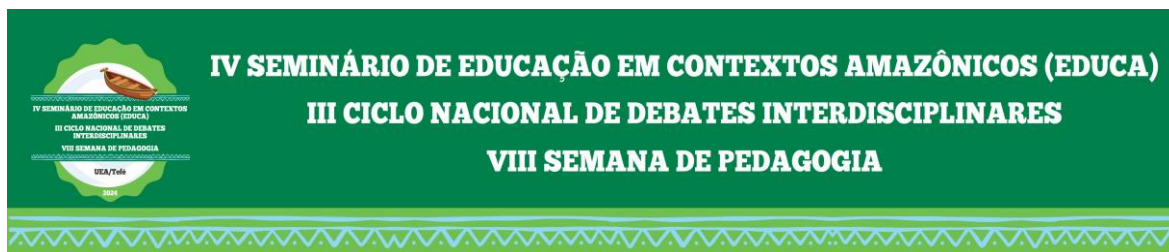
A partir das observações, será investigado como as brincadeiras e interação das crianças são incorporadas no ambiente escolar indígena, sempre considerando a perspectiva dos direitos das crianças, e sem desconsiderar a importância de respeitar e valorizar suas culturas e identidades.

##### **4.1 Dialogar, brincar e interagir**

Tendo como base a abordagem etnográfica, foi possível obter dados relevantes para esta pesquisa. Essa abordagem foi essencial para compreender e descrever as atividades realizadas com crianças da etnia Kokama. A pesquisa contou com um grupo de 15 crianças e duas professoras, permitindo um olhar mais profundo sobre as práticas pedagógicas e interações sociais nesse contexto.

As atividades foram realizadas no ambiente escolar, com ênfase nas brincadeiras praticadas pelas crianças no cotidiano comunitário. Essas brincadeiras, enraizadas na cultura local, também serviram como ponto de partida para atividades em sala conduzidas pelas professoras. Além das brincadeiras sazonais, observou-se a relevância das interações espontâneas das crianças, especialmente em atividades tradicionais, como o "cabo de guerra" e as danças culturais típicas do povo Kokama. Essas práticas, aprendidas com os mais velhos, reforçam laços comunitários e valores culturais, ao mesmo tempo em que promovem o desenvolvimento da criatividade e da imaginação das crianças.

A observação participante permitiu registrar, de forma sistemática, os diferentes tipos de interação e brincadeiras das crianças no decorrer da investigação. Durante as brincadeiras,



foi possível perceber como elas desenvolvem competências sociais, como a cooperação e o respeito mútuo, além de demonstrarem grande entusiasmo e motivação. Essa abordagem também possibilitou identificar que as crianças, ao interagir com suas práticas culturais, criam novas possibilidades e ampliam suas vivências, conectando-se com suas raízes de maneira natural e significativa.

Os diálogos estabelecidos entre a pesquisadora, as crianças e as professoras, assim como as observações realizadas durante as aulas, revelaram que as professoras possuem um excelente relacionamento com as crianças. Essa relação positiva é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo o aprendizado e o engajamento nas propostas pedagógicas. Além disso, foi observado que os jogos e brincadeiras são cuidadosamente planejados pelas professoras, que estruturam os encontros com as crianças com estratégias diversificadas, capazes de atender às necessidades e interesses das crianças.

Durante as práticas lúdicas, as professoras primeiro explicam e demonstram as brincadeiras, assegurando que todas as crianças compreendam as regras. Posteriormente, elas passam a mediar as atividades, incentivando as crianças a participarem de forma autônoma. Essa prática promove a autonomia das crianças, fortalecendo suas habilidades físicas, intelectuais, sociais e psicológicas, conforme prescrito nos documentos oficiais nacionais (BRASIL, 1996; 2009; 2017). Observou-se ainda que as crianças apresentam entusiasmo durante as interações e brincadeiras, o que facilita o processo de aprendizagem e contribui para um ambiente acolhedor e inclusivo.

No decorrer das propostas, foi evidente que as crianças se mostravam mais alegres e curiosas, motivadas pela expectativa de interação e diversão com seus pares e professoras. As professoras empregaram diversas estratégias pedagógicas com as crianças, como jogos educativos, brincadeiras culturais e músicas infantis.

Apesar do esforço pedagógico observado, constatou-se que, mesmo sendo uma escola indígena, as crianças não são educadas em sua Língua Materna. Todo o processo educativo ocorre exclusivamente na Língua Portuguesa, o que evidencia a necessidade de reflexões sobre o fortalecimento da língua e da cultura Kokama no contexto escolar. Esse



cenário demanda a retomada das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que ressaltam a importância de respeitar e valorizar a identidade cultural, linguística e social das crianças, especialmente aquelas de comunidades indígenas.

As DCNEI enfatizam que a Educação Infantil deve garantir o direito das crianças de serem educadas em sua língua e cultura, promovendo práticas pedagógicas que considerem as especificidades das diferentes comunidades. Nesse sentido, é fundamental integrar ao currículo estratégias que revitalizem a língua Kokama, bem como atividades que valorizem os saberes tradicionais, fortalecendo o vínculo das crianças com suas raízes culturais. Tal abordagem contribuirá para a construção de uma educação mais inclusiva, plural e respeitosa, conforme preconizado pelos marcos legais da educação indígena no Brasil.

A interação entre professores e crianças, assim como entre os pares, foi identificada como uma dimensão fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Durante as brincadeiras, as crianças não apenas ampliam seus conhecimentos, mas também fortalecem laços de amizade e respeito mútuo. O convívio no ambiente escolar, revelou-se, pois, essencial para criar um espaço educativo que valorize tanto o desenvolvimento integral das crianças quanto a preservação de sua cultura.

#### 4.2 O brincar e o aprender brincando

Durante os dias 23 e 24 de setembro de 2024, no período da manhã, um grupo de 15 crianças de 4 a 5 anos, pertencentes à Escola Indígena Santa Cruz, participou de uma série de atividades lúdicas. Essas atividades foram planejadas com o objetivo de promover a criatividade, a interação social, a colaboração e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras em um ambiente que valorizasse a cultura local e a vivência comunitária.

No dia 23 de setembro, das 9h às 11h, as crianças participaram de atividades voltadas para a exploração do *Mundo das Cores*. Divididas em pequenos grupos, elas utilizaram materiais como papéis coloridos, tintas e pincéis, além de recursos naturais, como urucum e argila. Cada grupo teve o desafio de criar um mural coletivo. Essa dinâmica promoveu a



interação entre as crianças, desenvolvendo sua percepção visual, a coordenação motora fina e o espírito de cooperação.

Durante a atividade, foi possível observar que as crianças demonstraram leveza em suas expressões e comportamentos, interagindo de forma amigável umas com as outras e com as professoras. Assim criaram-se laços de amizade e sentimentos de cooperação e reciprocidade, aspectos fundamentais para o desenvolvimento social e emocional. Ao final, as crianças compartilharam suas opiniões sobre as cores que mais gostaram, incentivando a comunicação e o trabalho coletivo.

Observou-se que realizar as atividades em um ambiente externo, fora da sala de referência, proporcionou maior tranquilidade e liberdade às crianças. Elas puderam explorar o espaço ao seu redor, coletando folhas, gravetos e capim, elementos que potencializam as suas criações e especialmente os conectam com a própria natureza. Esse contato com o ambiente natural também permite que as crianças se sentam mais conectadas ao seu mundo cotidiano, trazendo vivências de suas brincadeiras diárias na comunidade, como subir em árvores ou buscar frutas. Foi perceptível a alegria das crianças durante essas vivências e experiências, ali viu-se risos e ouviu-se gargalhadas, ali também se percebeu a espontaneidade dos movimentos e a conexão dos corpos-vida. Ainda se observou como as interações estão diretamente enraizadas no repertório cultural.

No dia 24 de setembro, no mesmo horário, foram realizadas atividades voltadas para jogos de movimento. Isso incluiu brincadeiras como *pular corda*, *corrida de saco* e *pega-pega*. As propostas foram organizadas em estações, permitindo que as crianças rotacionassem entre as brincadeiras e experimentassem diferentes desafios. O objetivo foi promover a interação física e social, além de desenvolver habilidades motoras e fortalecer a colaboração.

As crianças demonstraram entusiasmo e engajamento. Durante as atividades, aprenderam a esperar sua vez, a apoiar e torcer pelos colegas e a celebrar as conquistas de cada um, fortalecendo os laços de amizade. Enquanto algumas seguravam a corda ou ajudavam os amigos, outras batiam palmas e incentivavam com gritos de apoio, criando um



ambiente de colaboração e incentivo mútuo.

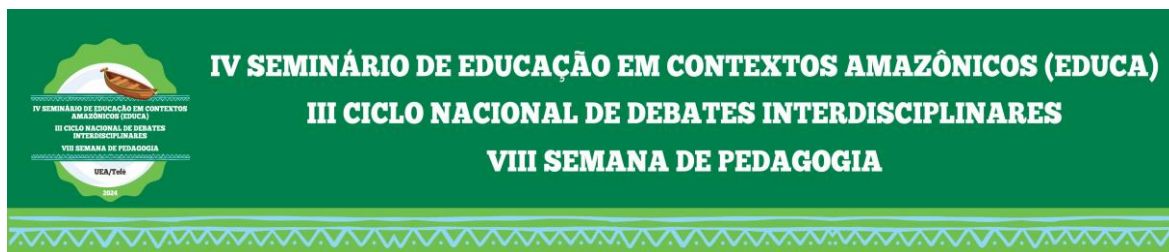
Nos dois dias de observação, foi possível identificar vivências e experiências potentes em interações e brincadeiras construtivas. As práticas adotadas não apenas estimularam o desenvolvimento cognitivo, como a percepção de cores e a criatividade nas atividades artísticas, mas também promoveram o fortalecimento de habilidades sociais, como empatia, cooperação e respeito mútuo. Essas dinâmicas evidenciam o papel das brincadeiras como vetor da integração dos aspectos físicos, intelectuais, psicológicos e sociais, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

Além disso, as práticas ao ar livre trouxeram um profundo senso de liberdade e conexão com a natureza. As brincadeiras como subir em árvores, correr entre as folhagens e explorar o ambiente proporcionaram momentos de alegria, diversão e expressão. A subida em árvores, por exemplo, tornou-se um espetáculo à parte: as crianças demonstraram agilidade e equilíbrio enquanto colhiam folhas ou frutos, reforçando a conexão com práticas culturais tradicionais da comunidade Kokama.

Considera-se que as brincadeiras como *pega-pega*, *pula corda*, pintura corporal com argila e *esconde-esconde* transcenderam o ato lúdico. Elas se mostraram uma expressão da identidade cultural, uma forma de reforçar valores comunitários e criar memórias compartilhadas. As risadas das crianças ecoavam pelo ambiente, marcando momentos que vão além do aprendizado, fortalecendo a ligação entre o cotidiano e a ação educativa formal.

Os sorrisos e a alegria das crianças demonstravam o impacto positivo dessas vivências e experiências. O cenário da comunidade Nova Esperança, com suas árvores iluminadas pelo sol, tornou-se um palco vibrante de aprendizado e celebração da infância e das tradições indígenas. As memórias criadas nesse espaço certamente continuarão a ecoar no cotidiano da comunidade, reafirmando a importância de aprender interagindo e brincando, enquanto se fortalecem valores culturais e educativos.

Um aspecto essencial a ser considerado na educação escolar dos povos indígenas da comunidade Kokama, especialmente para as crianças de 4 a 5 anos, é a valorização de práticas pedagógicas conduzidas por professores indígenas ou membros da própria



comunidade. Esses educadores, por estarem profundamente familiarizados com a cultura local, poderiam não apenas ensinar a Língua Materna, mas também incorporar mais frequentemente e de modo profundo as práticas de interação e brincadeiras que fazem parte do cotidiano comunitário. Isso garantiria uma abordagem educacional mais contextualizada e integrada às tradições e valores da comunidade.

Essa perspectiva ampliaria a autonomia da comunidade para definir os conteúdos e as práticas pedagógicas que melhor atendem às necessidades e interesses de seu povo. Em vez de adotar modelos externos muitas vezes descontextualizados, a instituição educativa poderia funcionar como um espaço de fortalecimento cultural, priorizando o que é relevante para o desenvolvimento integral das crianças e para a preservação da identidade Kokama.

Portanto, assim como pressupõem os autores da área e os documentos oficiais de âmbito nacional e regional, trazer as brincadeiras tradicionais para o ambiente escolar não é apenas uma forma de ensinar, mas também uma maneira de valorizar a cultura local, proporcionando às crianças um aprendizado que respeita e reforça suas raízes culturais enquanto promove seu desenvolvimento cognitivo, motor e social.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações realizadas junto às crianças revelam o valor intrínseco das brincadeiras cotidianas, como subir e descer em árvores, esconde-esconde, pega-pega (ou mancha) e pula-corda. Essas atividades, além de favorecerem a socialização, também impulsionam o desenvolvimento individual das crianças. Por exemplo, ao buscar esconderijos no esconde-esconde, as crianças trabalham habilidades como percepção espacial, estratégia e antecipação. Já em pega-pega, exercitam a movimentação corporal, a coordenação motora e a capacidade de planejar movimentos para escapar ou capturar o outro. Brincadeiras como pula-corda, por sua vez, desenvolvem ritmo, equilíbrio e coordenação motora.

Essas práticas lúdicas promovem noções de espaço e tempo, despertam a criatividade



e integram elementos do faz-de-conta, fundamentais para o desenvolvimento da imaginação infantil. Incorporá-las ao contexto escolar pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que fortalece práticas culturais e sociais das crianças, tornando a educação mais significativa e conectada às vivências comunitárias.

A investigação também buscou compreender as perspectivas dos professores da Educação Infantil, especialmente da pré-escola, sobre o uso das brincadeiras como recurso pedagógico. Por meio de seus depoimentos, identificou-se uma visão crítica e reflexiva sobre o potencial dessas práticas no desenvolvimento infantil. Os professores reconhecem as brincadeiras como fontes essenciais para estimular o aprendizado, promover a criatividade e reforçar a conexão com a cultura local. Contudo, apontam desafios importantes, como a necessidade de planejamento pedagógico que valorize e integre as vivências culturais das crianças ao currículo escolar.

Esse esforço envolve reconhecer as crianças indígenas, como as Kokama, como sujeitos históricos e de direitos, cujas tradições culturais devem ser respeitadas e incorporadas ao ambiente escolar. Ao valorizar essas práticas, a escola se torna um espaço de diálogo entre a cultura comunitária e a educação formal, promovendo um desenvolvimento integral.

As brincadeiras e interações sociais, quando planejadas de forma intencional, não apenas tornam o aprendizado mais lúdico e engajador, mas também fortalecem a comunicação, a criatividade e a imaginação. Ao mesmo tempo, elas ajudam a criar uma ponte entre as vivências culturais das crianças e os conteúdos escolares, possibilitando que a educação formal contribua para o empoderamento e a valorização de suas identidades culturais. Dessa forma, o ambiente escolar transcende sua função tradicional, tornando-se um espaço de valorização das raízes culturais das crianças indígenas, ao mesmo tempo em que amplia suas habilidades para interagir em diversos contextos.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense**. Manaus - AM: Seduc, 2019.



BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília, DF: Planalto, 1996.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2017.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio-ago., 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli Elisa Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MARCHI, Rita de Cassia. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 727-746, abr./jun., 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera Lopes da (Orgs.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global Editora, 2002.

TASSINARI, Antonella. Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 141-172, jul./dez., 2015.

VIGOTSKI, Lev Semenovicth. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.